

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN, DIRECTOR'S CUT E
LIGHT CONE
PROGRAMA LIGHT CONE 4 – INTIMIDADES
5 de maio de 2022

JOURNAL INTIME / 2000

de Jean-Gabriel Périot

Realização: Jean-Gabriel Périot / Produção: França / Cópia: em DCP, cor, som, sem diálogos /
Duração: 3 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

MILES / 1983

de Yann Beauvais

Realização: Yann Beauvais / Com: Miles McKane / Produção: França / Cópia: em 16mm
(original em Super 8mm), cor, sem som / Duração: 3 minutos, a 18 imagens por segundo /
Primeira apresentação na Cinemateca.

JOURNALITÉS 1 / 1993

de Frédérique Devaux

Realização: Frédérique Devaux / Produção: França / Cópia: em 16mm, preto e branco, com
texto inscrito em francês (e escassos diálogos), texto legendado electronicamente em português
/ Duração: 34 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca / nota: esta cópia de
JOURNALITÉS 1 apresenta um problema na sua banda sonora, que não corresponde à
totalidade da banda de imagem.

ALLERS VENUES / 1984

de Vivian Ostrovsky

Realização: Vivian Ostrovsky / Produção: França / Cópia: em 16mm, cor, som / Duração: 12
minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

NOTEBOOK / 1963

de Marie Menken

Realização: Marie Menken / Produção: Estados Unidos / Cópia: em 16mm, preto e branco e
cor, sem som, cartões legendados electronicamente em português / Duração: 10 minutos /
Primeira apresentação na Cinemateca

THE SCARY MOVIE / 1993

de Peggy Ahwesh

Realização: Peggy Ahwesh / Com: Martina, Sonja / Produção: Estados Unidos / Cópia: em
16mm, preto e branco, som / Duração: 9 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

YOU BE MOTHER / 1990

de Sarah Pucill

Realização: Sarah Pucill / Produção: Reino Unido / Cópia: em 16mm, cor, som, legendado
electronicamente em português / Duração: 7 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

DANKE, ES HAT MICH SEHR GEFREUT / 1987

(Thank you, I have been very pleased)

de Mara Mattuschka

Realização: Mara Mattuschka / Produção: Áustria / Cópia: em 16mm, preto e branco, som, legendada electronicamente em português / Duração: 2 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projecção: 80 minutos.

Nota: A cópia de JOURNALITÉS 1 apresenta um problema na sua banda sonora, que não corresponde à totalidade da banda de imagem.

Sessão apresentada por Emmanuel Lefrant.

Com a presença de Peggy Ahwesh.

Este quarto programa constituído a partir da colecção da distribuidora de cinema experimental Light Cone foi organizado em torno da ideia de intimidade, revelando a escolha dos filmes o entendimento desta noção de uma forma muito lata. Se a ideia de intimidade surge necessariamente associada a um conjunto de manifestações de ordem interior, os vários títulos desta sessão reflectem várias dessas dimensões que se materializam numa pluralidade de filmes de diferentes géneros, uns mais conotados com os “home movies”, outros com diários filmados, outros com retratos de terceiros (que são próximos aos seus autores) e outros ainda com auto-retratos em que a auto-exposição se encena de modo mais ou menos explícito, alguns tocando mais directamente as questões da sexualidade.

Em JOURNAL INTIME um homem expõe-se simultaneamente face ao espelho e face à câmara e nós somos o espelho que assiste ao modo como este trata cicatrizes e se desfaz lentamente das próteses que usa no seu quotidiano em gestos que nos são mostrados em plano-sequência. A partilha de um meticuloso cuidado de si, de que fazem parte lentes de contacto e dentes postiços, objectos revelados normalmente apenas aos mais próximos, funcionam como uma metáfora da vida moderna.

MILES é um retrato do cineasta Miles McKane realizado por Yann Beauvais, que com ele foi um dos fundadores da Light Cone e é uma importante figura do cinema experimental francês. Ambos partilharam obras escritas e entre algumas das principais obras que Yann Beauvais dedicou ao cinema experimental está uma com o elucidativo título “Le Je Filmé” (*O Eu Filmado*). MILES é ao mesmo tempo um “home movie” e um nítido retrato de amor filmado/montado de forma veloz e sincopada, como costumamos ver por exemplo no cinema de Mekas. Projectado a 18 imagens por segundos, MILES assenta numa sucessão rápida de planos que, no limite, coincidem com escassos fotogramas. Um filme de três minutos inteiramente preenchido pela figura de Miles McKane nas ruas de Paris.

JOURNALITÉS 1 é o filme mais se distingue dos restantes da sessão, não apenas pela sua mais longa duração (os seus mais de 30 minutos), como pelo seu “tema”. Não se trata propriamente do que poderíamos classificar como um “diário íntimo”, mas um diário de

artista pontuado por alguns aspectos mais conotados com a intimidade. O espaço retratado abarca doze anos e o centro desse diário é ocupado pela figura de Isidore Isou, o autor do belíssimo e marcante filme *Traité de Bave et d'éternité* e um dos nomes maiores do movimento do letrismo (muito próximo do situacionismo de Guy Debord), que aqui é visto por Frédérique Devaux, que com ele procura estabelecer a história de uma relação. A autora curiosamente refere-se ao filme como um “diário não filmado”. Um diário em que as palavras surgem, à boa maneira letrista, sobretudo inscritas na imagem. Cabe-nos a nós decifrá-las.

Da “família dos home movies”, entre o “diário filmado” e um “filme de colagem” é também ALLERS VENUES, filmagem de momentos felizes de um grupo em férias numa casa de campo no sul de França. O estio reflecte-se na tonalidade e no calor emanado pelas próprias imagens animadas pelo carácter festivo da banda sonora escolhida por Vivian Ostrovsky.

NOTEBOOK é um clássico de uma das grandes figuras do cinema experimental, Marie Menken. Mudo, assenta numa sucessão de capítulos introduzidos por cartões que os nomeiam. Um caderno de notas impressionista que oscila entre belíssimas imagens da chuva que nos remetem para os filmes das primeiras vanguardas (REGEN, etc), uma admirável dança da lua ou de luzes (“Moonplay” / “Lights”), passando por duas introduções à animação que derivam de uma explosão de cor associada à pintura directa sobre película ou a um trabalho de colagens.

THE SCARY MOVIE, o filme de Peggy Ahwesh (que estará presente na sessão) junta duas muito jovens raparigas (Martina e Sonja) que contracenam entre si numa obra de puro divertimento. Uma brincadeira num preto e branco contrastado e um momento de pura diversão em torno dos clássicos do cinema de terror, com as suas idiossincrasias de género. Entre o filme doméstico e o filme de género, trata-se de uma pérola no domínio da série B que recorre a gritos “enlatados” e músicas assustadoras. Uma muito curiosa introdução ao universo de Peggy Ahwesh e ao seu múltiplo trabalho em torno da colagem.

Em YOU BE MOTHER, bules de chávenas e outros objectos com partes do rosto e do corpo da realizadora sobre eles projectados exploram a expressão inglesa “I’ll be mother”, dita por quem serve o chá. Um filme que assenta no jogo entre o imaginário fálico presente no modo como são iluminados os bules de onde verte o chá e os reflexos inscritos nos materiais, como se de uma impressão se tratasse. Pensamos a este propósito no trabalho que Alain Fleischer desenvolveu durante muitos anos no campo das artes plásticas e da fotografia, em que o inanimado se anima com recurso à projecção e sobreposição de imagens. Já em DANKE, ES HAT MICH SEHR GEFREUT, em inglês “Thank you, I have been very pleased”, Mara Mattuschka filma Mimi Minus em pleno acto masturbatório, enquanto a câmara se afasta até ao quase desaparecimento do seu corpo no meio de uma imagem altamente contrastada. A intimidade coincide assim aqui com o campo da sexualidade, remetendo-nos para a sessão anterior.

Joana Ascensão